

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS SANTA INÊS
CURSO DE ENFERMAGEM BACHARELADO

FRANCISCA LUCIANA SILVA DA SILVA

**DESAFIOS DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO RASTREAMENTO
PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: uma revisão integrativa
de literatura**

Santa Inês
2024

FRANCISCA LUCIANA SILVA DA SILVA

**DESAFIOS DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO RASTREAMENTO
PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: uma revisão Integrativa
de literatura**

Monografia apresentada ao curso de
Enfermagem Bacharelado da
Universidade Estadual do Maranhão -
UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^o. Esp. Marcos Régis Silva
Panhussatti

Santa Inês
2024

Silva, Francisca Luciana Silva da.

Desafios do enfermeiro da atenção básica no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa de literatura. / Francisca Luciana Silva da Silva – Santa Inês - MA, 2024.

52 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Enfermagem Bacharelado, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientador: Prof. Esp. Marcos Régis Silva Panhussatti.

1. Enfermagem. 2. Transtorno do Espectro Autista. 3. Triagem. I. Título.

CDU 616.896

FRANCISCA LUCIANA SILVA DA SILVA

**DESAFIOS DO ENFERMEIRO DA ATENÇÃO BÁSICA NO RASTREAMENTO
PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: uma revisão integrativa
de literatura**

Monografia apresentada ao curso de
Enfermagem Bacharelado da
Universidade Estadual do Maranhão -
UEMA, Campus Santa Inês, como
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^o. Esp. Marcos Régis Silva
Panhussatti

Aprovado em: 17/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS REGIS SILVA PАНHUSSATTI**
Data: 23/12/2024 09:21:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Esp. Marcos Régis Silva Panhussatti (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO HENRIQUE DE VASCONCELOS MOURÃO**
Data: 23/12/2024 18:14:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Henrique de Vasconcelos Mourão
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **DENIS ROMULO LEITE FURTADO**
Data: 23/12/2024 17:48:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Dênis Rômulo Leite Furtado
Universidade Estadual do Maranhão

Santa Inês
2024

DEDICATÓRIA

Ao Deus da minha vida.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder a oportunidade de realizar um dos meus sonhos. Em meio a tantas dificuldades, Ele me sustentou e não permitiu que eu desistisse, mesmo quando as circunstâncias teimavam em me desafiar.

À minha família, o meu mais sincero obrigada por todo o apoio, em todos os sentidos. À minha mãe, Maria do Socorro, minha tia Fátima e à minha vó Maria, por garantir que nada me faltasse.

Agradeço também aos meus irmãos Emerson, Débora e em especial agradeço às minhas irmãs, Thais e Amanda: vocês me ajudaram em tantas coisas que até superaram suas próprias possibilidades!

Aos meus colegas de turma, minha gratidão por estarem ao meu lado nos momentos mais desafiadores da vida acadêmica.

Ao meu orientador, Marcos Panhussatti, agradeço por ter abraçado a ideia do meu TCC e me guiado com tanto comprometimento nessa jornada de produção e defesa.

Aos meus professores, minha eterna gratidão por me ensinarem a ver a enfermagem por um ângulo que só quem vive a profissão compreende. Vocês me mostraram que o cuidado é, e sempre será, a essência da enfermagem.

Aos preceptores, obrigado por estarem sempre dispostos a compartilhar seus conhecimentos durante o estágio.

Por fim, agradeço a todos da direção da UEMA, especialmente à coordenadora Jessica Rayanne Vieira Araújo Sousa e ao diretor Marcelo Henrique de Vasconcelos Mourão, por estarem presentes em cada etapa da minha formação acadêmica, sempre buscando oferecer o melhor.

A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o neurodesenvolvimento, comprometendo áreas como comunicação, comportamento, interação social e linguagem. Com isso, o diagnóstico precoce é fundamental, pois possibilita o tratamento que favorece a independência e a melhora da qualidade de vida das crianças. Nesse contexto, o enfermeiro destaca-se como principal profissional na identificação precoce do TEA, realizado através da puericultura. Entretanto, diversas barreiras dificultam a realização de um atendimento eficaz, e como consequência, casos de autismo passam despercebidos ou são negligenciados. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo identificar, na literatura, os desafios atuais que os enfermeiros da atenção básica enfrentam no rastreamento precoce do TEA. Este trabalho se enquadra como uma Revisão Integrativa de Literatura, com abordagem descritiva e de caráter qualitativo. O levantamento dos estudos foi realizado nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil) e Google Acadêmico, no período de julho a agosto de 2024. A amostra final para a análise e pesquisa deste trabalho foi composta por 16 artigos. Os enfermeiros enfrentam diversos desafios no rastreamento precoce do TEA durante as consultas de puericultura, dentre eles estão o déficit de conhecimento acerca do tema, bem como a falta de abordagem da temática na formação acadêmica, a não utilização de instrumentos essenciais para a detecção do transtorno, a falta de protocolos e fluxos dentro da rede de serviço relacionados ao TEA. Em contrapartida, estratégias foram desenvolvidas para superar esses desafios, como a capacitação profissional, educação permanente, a implementação de protocolos e fluxogramas, a inserção do tema na formação acadêmica e o incentivo a novas pesquisas sobre a relação da enfermagem e a detecção precoce do TEA. Isso é especialmente relevante, visto que muitos casos suspeitos de TEA são identificados nos serviços de atenção primária, a porta de entrada do sistema de saúde.

Palavras-chave: enfermagem; Transtorno do Espectro Autista; triagem.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental condition that affects communication, behavior, social interaction, and language. Early diagnosis is crucial, as it enables interventions that promote independence and improve the quality of life for children. In this context, nurses play a key role in the early identification of ASD, often conducted during child care visits. However, various barriers hinder effective care, resulting in cases of autism being overlooked or neglected. This research aimed to identify, through literature, the current challenges faced by primary care nurses in the early screening of ASD. It employed an Integrative Literature Review with a descriptive and qualitative approach. The study's data collection was conducted from July to August 2024 across the following databases: Virtual Health Library (VHL), CAPES Periodicals Portal, Scientific Electronic Library Online (SciELO Brazil), and Google Scholar. The final sample comprised 16 articles. Nurses face several challenges in early ASD screening during child care consultations, including insufficient knowledge about the disorder, inadequate coverage of the topic in academic training, lack of essential tools for detection, and the absence of protocols and workflows within the healthcare network related to ASD. On the other hand, strategies have been developed to overcome these challenges, such as professional training, continuous education, the implementation of protocols and flowcharts, integration of ASD-related topics into academic curricula, and encouragement of new research on nursing's role in early ASD detection. These efforts are particularly significant as many suspected ASD cases are identified in primary care services, which serve as the entry point to the healthcare system.

Keywords: nursing; Autism Spectrum Disorder; screening.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Etapas que orientam a realização da revisão integrativa da literatura... | 21 |
| Quadro 2 – Estratégia para a localização de artigos nas bases de dados por meio dos Descritores em Ciências da Saúde e operador booleano..... | 23 |
| Figura 1 – Fluxograma das etapas para a integração da amostra, sendo a identificação, seleção, elegibilidade e inclusão..... | 24 |
| Quadro 3 – Caracterização dos estudos utilizados na revisão integrativa..... | 26 |
| Quadro 4 – Descrição dos estudos utilizados segundo o objetivo geral, principais resultados e conclusão..... | 29 |

LISTA DE SIGLAS

- TEA – Transtorno do Espectro Autista
- ESF – Estratégia Saúde da Família
- M-CHAT – Modified Checklist for Autism Toddler
- APS – Atenção Primária à Saúde
- DSM-V – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
- BVS – Biblioteca Virtual da Saúde
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- SCIELO – Scientific Electronic Library Online
- SPD – Sociedade Brasileira de Pediatria
- SNC – Sistema Nervoso Central
- TGD Transtornos Globais do Desenvolvimento
- CSC – Caderneta de Saúde da Criança
- DeSC – Descritores em Ciências da Saúde
- CE – Ceará
- SUS – Sistema Único de Saúde
- UBS – Unidade Básica de Saúde
- TCC – Trabalhos de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 Objetivos | 13 |
| 1.1.1 Objetivo geral | 13 |
| 1.1.2 Objetivos específicos | 13 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 14 |
| 2.1 Transtorno do Espectro Autista | 14 |
| 2.2 Aspectos do diagnóstico precoce e tardio | 17 |
| 2.3 O papel da enfermagem no rastreamento precoce do TEA | 19 |
| 3 METODOLOGIA | 22 |
| 3.1 Tipo de estudo | 22 |
| 3.2 Formulação da questão norteadora | 23 |
| 3.3 Bases de dados para a busca | 24 |
| 3.4 Critérios de inclusão e exclusão | 24 |
| 3.5 Procedimento de coleta da amostra | 25 |
| 3.6 Análise de dados | 26 |
| 3.7 Riscos e benefícios | 26 |
| 4 RESULTADOS | 27 |
| 4.1 Caracterização dos estudos analisados | 27 |
| 5 DISCUSSÃO | 36 |
| 5.1 Dificuldades enfrentadas pelo/a enfermeiro/a no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista | 36 |
| 5.2 Estratégias e recomendações para superar os desafios no rastreamento precoce do TEA | 42 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 45 |
| REFERÊNCIAS | 46 |

1 INTRODUÇÃO

O transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito como alterações no funcionamento do neurodesenvolvimento de um indivíduo, afetando a comunicação, comportamento, interação social e linguagem. Alguns sinais são perceptíveis ainda na primeira infância, como atraso na fala, movimentos repetitivos, hiperfoco e dificuldade na socialização. Apesar dessas variações, o diagnóstico precoce é fundamental, pois possibilita a implementação de estímulos que favorecem a independência e a melhora da qualidade de vida das crianças (Brasil, 2022).

A suspeita preliminar do TEA geralmente surge na infância, durante as consultas de acompanhamento do desenvolvimento infantil na Atenção Primária à Saúde (APS). Por ser um diagnóstico inerentemente clínico, a identificação de sinais do espectro baseia-se em observações diretas da criança, conversação com os pais e uso de instrumentos para o monitoramento do desenvolvimento. Essas avaliações são realizadas durante consultas de puericultura, oferecidas nas consultas de APS (Brasil, 2021).

Diante disso, o enfermeiro destaca-se como principal profissional para a identificação precoce do TEA, pois através da puericultura, ele acompanha o crescimento e desenvolvimento da criança desde o nascimento, desempenhando papel fundamental nesse processo, além de que essa atribuição é respaldada por sua formação e pelas normativas que rege a prática da enfermagem. Assim, através da detecção precoce dos sinais é permitido que a APS inicie intervenções adequadas e encaminhe a criança, de forma oportuna, para a Atenção Especializada, a fim de confirmar o diagnóstico e iniciar o tratamento adequado (Munerati; Custódio, 2023).

Apesar do profissional de enfermagem desempenhar papel fundamental na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista, diversas barreiras dificultam a realização de um atendimento eficaz. Como consequência, casos de autismo passam despercebidos ou são negligenciados, influenciando diretamente na qualidade de vida da criança e da família (Sarah Soeltl *et al.*, 2020).

Diante do que foi exposto, buscou-se responder a seguinte questão norteadora: Quais são os desafios enfrentados pelos enfermeiros da Atenção Básica no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista durante as consultas de puericultura? Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela importância do papel do

enfermeiro no processo de rastreio do TEA que influencia diretamente no diagnóstico precoce e iniciação do tratamento da criança.

Nessa perspectiva, este trabalho se faz relevante por contribuir com conhecimentos que podem embasar na criação de futuros serviços que deem suporte ao profissional de enfermagem, bem como fonte de conhecimento e educação permanente para os enfermeiros que buscam qualificação profissional contínua, conseqüentemente melhorando a assistência prestada dentro da Atenção Primária à Saúde.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Identificar, na literatura, os desafios atuais que os enfermeiros da atenção básica enfrentam no rastreio precoce do TEA.

1.1.2 Objetivos específicos

- Reunir, a partir da literatura, as principais barreiras e dificuldades relatadas pelos enfermeiros da Atenção Básica no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista durante as consultas de puericultura.
- Examinar criticamente os estudos que discutem o nível de conhecimento e a capacitação dos enfermeiros da Atenção Básica sobre o Transtorno do Espectro Autista e sua identificação precoce.
- Descrever as estratégias e recomendações encontradas na literatura para superar os desafios no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista em consultas de puericultura.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, foram abordados assuntos relacionados aos aspectos gerais do autismo, como percurso histórico, características do transtorno, etiologia, aspectos do diagnóstico precoce e tardio, bem como o papel da enfermagem na detecção do TEA no contexto da consulta de puericultura. Assim, com a finalidade de informar e expor criticamente o tema central desta pesquisa, obteve-se os seguintes tópicos: Transtorno do Espectro Autista; Aspectos do Diagnóstico Precoce e Tardio; O Papel da Enfermagem no Rastreamento Precoce do TEA.

2.1 Transtorno do Espectro Autista

O autismo foi definido primeiramente em 1943, pelo médico austríaco Leo Kanner que trabalhava no Hospital Johns Hopkins (Baltimore - EUA), como um “distúrbio autístico de contato afetivo” durante um estudo observacional sistematizado de um grupo de crianças entre 2 e 8 anos de idade que apresentavam um quadro clínico psiquiátrico (Brasil, 2013). Kanner (1943) identificou em seu estudo algumas características clínicas psiquiátricas como incapacidade em desenvolver relacionamento com pessoas, ecolalia, uso reverso de pronomes, atividades repetitivas e estereotipadas, insistência obsessiva numa rotina rígida com padrão restrito de interesses, entre outros (Rutter, 1978).

Paralelamente, Hans Asperger, integrante de organizações associadas ao regime nazista, dedicava-se ao estudo de crianças que apresentavam características compatíveis com o autismo, as quais ele denominava como “psicopatas autistas”. Para Asperger, meninos com sinais do espectro careciam de “Gemüt” – termo alemão utilizado na ideologia nazista para descrever a capacidade de estabelecer conexões profunda com outras pessoas. A partir disso, o médico austríaco era um dos responsáveis no envio de crianças ao Hospital Spiegelgrund, uma instituição destinada ao atendimento de crianças com deficiências, sendo muitas delas assassinadas ou submetidas às condições que as expuseram às doenças fatais (Santos; Amorim, 2023).

No nazismo, o “gemüt” era um dos elementos mais importantes, pois era um dos fundamentos do “reich”. Pessoas sem “gemüt” eram vistas com preocupação e passaram a ser exterminadas, já que eram vistas como indivíduos que não se encaixavam na coletividade e que, por esse motivo,

“sujavam” a ideia de “raça superior” e “atrapalhavam o progresso”. (Santos e Amorim, 2023) p. 61.

Asperger foi o pioneiro ao observar que o autismo era mais prevalente em meninos, chegando a afirmar que o TEA seria uma condição exclusivamente masculina. Segundo Sheffer (2019), em seu livro “Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista”, essa visão refletia a sua educação conservadora, que atribuía papéis sociais rígidos a homens e mulheres. Asperger não considerava a possibilidade de autismo em meninas com comportamento atípicos, atribuindo-os a questões hormonais ou à preparação para a futura vida privada de esposa e doméstica. Estudos indicam que tanto Kanner quanto Asperger estavam cientes dos trabalhos um do outro, mas interpretavam os fenômenos observados de maneira distintas (Passos-Santos; Junior, 2023).

A partir das descrições de Kanner (1943), diversos estudos clínicos foram publicados em artigos, livros e revistas científicas, em uma busca incessante e curiosa por desvendar os mistérios do autismo, que até então representava um fenômeno novo e pouco compreendido. Então, o médico psiquiatra Sir Michael Rutter foi um dos estudiosos que se destacaram em sua época, pois trouxe a definição do autismo partindo de quatro critérios, sendo o atraso e bloqueio social, interferências na comunicação e comportamentos atípicos.

Neste aspecto, Rutter contribuiu significativamente para a correta caracterização do transtorno em relação ao nível de desenvolvimento neuropsicomotor e cronológico, além de uma importante investigação sobre a coexistência de retardo mental e de problemas neurológicos que somente manifestam-se em estágios posteriores da vida, como episódios de epilepsia (Bracks; Calazans, 2018). Porém, o conceito do autismo sofreu diversas transformações ao longo do tempo, decorrente de inúmeros estudos realizados e atualmente recebe uma nova denominação e contextos diferentes.

As Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (2014, p.14) explica que:

“O conceito de autismo infantil, portanto, se modificou desde a sua descrição inicial, passando a ser agrupado em um contínuo de condições com as quais guarda várias similaridades, que passaram a ser denominadas de transtornos globais (ou invasivos) do desenvolvimento (TGD). Mais recentemente, denominaram-se os transtornos do espectro do autismo (TEA) para se referir a uma parte dos TGD: o autismo, a síndrome de Asperger e o transtorno

global do desenvolvimento sem outra especificação (portanto, não incluindo a síndrome de Rett e o transtorno desintegrativo da infância).”

Desse modo, recentemente, o TEA recebeu conceitos mais ampliados pelas organizações de saúde, considerando todo os estudos e avanços da medicina ao longo da história humana. A Organização Panamericana da Saúde (OPAS, 2024) explica que o TEA é uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, apresentando interesse e atividades únicas e específicas, de forma repetitivas. Por sua vez, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBD) aborda em seu Manual de Orientação que o TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos.

Com relação às prevalências, observa-se que as taxas de autismo entre os países apresentam amplas variações. No Brasil, um estudo piloto realizado na cidade de Atibaia (SP) com 1.470 crianças entre 5 e 12 anos de idade identificou uma prevalência de 0,3% (Paula *et al.*, 2011). Outras análises indicam a tendência global do aumento para o TEA, acredita-se que cerca de 1 em cada 54 crianças sejam afetadas (Moraes *et al.*, 2021). Em síntese, os estudos indicam um aumento considerável nos diagnósticos do autismo, atribuído ao fato de que o tema tem sido amplamente discutido, embora sua etiologia ainda não tenha alcançado um consenso (Almeida, 2020).

Segundo Rapoport *et al.* (2009), a princípio, a etiologia específica não foi determinada, mas estudos indicaram fatores genéticos e neurobiológicos associados ao transtorno, como anomalia anatômica ou fisiológica do Sistema Nervoso Central (SNC) e problemas constitucionais inatos, predeterminados biologicamente. Evidências de estudos familiares e em gêmeos reforçam a hipótese de uma etiologia genética do autismo, indicando um risco aumentado de recorrência entre 3% a 8% em famílias que já possuem uma criança diagnosticada com autismo (Coutinho; Bosso, 2015).

Nesse sentido, é altamente provável que o autismo seja hereditário, mas sua etiologia genética é complexa, o que envolve muitos genes em diferentes cromossomos com efeitos diversos. Fleisher (2012) afirma que diversas anomalias cromossômicas já foram associadas ao autismo, enquanto Geschwind (2008)

complementa que, até o momento, não existe um modelo de transmissão genética bem definido. Entretanto, entende-se que o cérebro de uma pessoa autista funciona de forma atípica, expressando sinais específicos e identificáveis que são característicos desse transtorno (Anjos; Reis, 2019).

A SBD (2019), em seu Manual de Orientação do TEA, discute sobre alguns sinais de alerta que podem ser detectados na primeira infância. Segundo o manual, é possível identificar os sinais aos 6, 9 e 12 meses de vida, como poucas expressões faciais, baixo contato ocular, ausência de sorriso social, não olha quando o chamam, não olha para onde o adulto aponta, imitação pouca ou ausente, ausência de balbucios, não apresenta gestos convencionais, ausência de atenção compartilhada, entre outros. Dessa forma, o reconhecimento precoce desses sinais pode conduzir a um diagnóstico mais rápido, mesmo que complexo, evitando assim, diagnósticos tardios (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019).

2.2 Aspectos do diagnóstico precoce e tardio

O Transtorno do Espectro Autista apresenta elevado nível de complexidade em seu diagnóstico, podendo ser facilmente confundido com outros transtornos, síndromes e até mesmo com as fases da infância. Alguns países estão mais atentos a essa questão, adotando recomendações para o diagnóstico do autismo logo nos primeiros anos de vida. No entanto, em outros países, o reconhecimento do transtorno não ocorre com frequência (Caparroz; Soldara, 2022). No Brasil, diversas políticas públicas para a saúde mental foram implementadas, mas somente em 2012 que se instituiu a primeira lei voltada para o indivíduo com autismo, chamada também de Lei Berenice Plana, permitindo assim, a regulamentação do processo do diagnóstico (Brasil, 2012; Silva, 2021).

O diagnóstico do autismo é inteiramente clínico, realizado através da observação e análise de critérios que evoluem o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5), realizado por profissionais de saúde especializados, como psiquiatras e psicólogos. Com isso, a antecipação do diagnóstico para esse transtorno possibilita que a APS inicie intervenções voltadas para o tratamento especializado (Brasil, 2022). Além disso, quanto mais precoce for o reconhecimento do autismo, maiores serão as oportunidades para que a criança tenha o tratamento eficaz, permitindo sua adaptação ao meio social e o desenvolvimento

comportamental, que é um dos aspectos mais importantes do transtorno autístico (Reis, 2020).

Nesse contexto, o estudo de Gomes (2019) demonstra que crianças diagnosticadas tardiamente apresentaram menores avanços no desenvolvimento cognitivo, enquanto aquelas submetidas à intervenção precoce obtiveram ganhos significativamente superiores em diversas áreas do desenvolvimento. Isso mostra que é de extrema importância o conhecimento acerca do tema, pois os profissionais que estão sempre em contato com a criança na Atenção Primária à Saúde realizando a puericultura têm a oportunidade de ser o diferencial no prognóstico do paciente.

O autismo quando diagnosticado tardiamente pode impactar na qualidade de vida da criança, além de gerar estresse e frustração na família, que por vezes enfrenta dificuldades em compreender a condição de seus filhos (De Sousa, 2023). Assim, a criança após os três anos de idade tem mais adversidade de adaptação ao meio social e consigo mesmo, por isso o diagnóstico depois dessa idade costuma ter um prognóstico ruim (Steffen, 2019). Entretanto, embora a identificação precoce dos sinais do TEA seja fundamental para uma intervenção eficaz, os critérios para essa avaliação são abrangentes e demandam conhecimento específico por parte dos profissionais.

A investigação do autismo em uma criança segue vários critérios para evitar falsos diagnósticos ou que não seja confundido com outras síndromes. No Brasil, o diagnóstico do autismo é disposto dentro dos Transtornos Globais do Desenvolvimento - TGD (Santos *et al.*, 2013). Os TGDs são um grupo de transtornos caracterizados por alterações qualitativas das interações sociais recíprocas, modalidades de comunicação, por um repertório de interesses e atividades restritas, estereotipadas e repetitivas.

Alguns sistemas de diagnósticos como DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria) têm baseado seus critérios em problemas apresentados em três áreas, com início antes dos três anos de idade, que são: comprometimento na interação social, na comunicação verbal e não-verbal, no brincar imaginativo, comportamento e interesses restritos e repetitivos.

O diagnóstico tardio pode agravar os sinais do transtorno, na qual compromete a vida social da pessoa com TEA. Segundo Santos *et al.* (2013), a demora do processo diagnóstico é prejudicial ao tratamento, implicando num inadequado desenvolvimento neuropsicomotor na criança, pois o transtorno envolve

aspectos voltados para a socialização dela. O autor explica que o reconhecimento tardio intensifica os sinais que comprometem o comportamento e a cognição, como fracasso no relacionamento interpessoal com seus pares, ausência de interesse em compartilhar prazer ou realizações, além de confusão significativa em relação a sentimentos.

[...] crianças autistas não tem real medo do perigo o que pode gerar graves acidentes, sua agressividade pode trazer transtorno na vida escolar e dentro de casa, a hipersensibilidade sensorial, [...] causa dor no autista com o tempo, se não realizado terapias, a irritação pode gerar crises nervosas pelo incômodo sonoro. O quadro de autismo não é estático, alguns sintomas modificam-se, outros podem amenizar-se e vir a desaparecer, porém outras características poderão surgir com a evolução do indivíduo[...] (Santos et al., 2013, p.65).

Nessa perspectiva, se não for realizado uma intervenção imediata na criança com sinais do TEA, ela poderá vir a ter dificuldades em diversos aspectos do cotidiano, como explica Santos *et al.* (2013). Partindo do início, essa criança será atendida na porta de entrada da saúde, a APS, e o enfermeiro como principal protagonista da consulta de puericultura tem a oportunidade de acompanhar os marcos do desenvolvimento infantil, percebendo alterações a partir da observação ou queixas dos pais e/ou cuidadores. Assim, poderá exercer seu papel dentro da Estratégia Saúde da Família, contribuindo para um possível diagnóstico precoce e influenciando diretamente na melhoria de qualidade de vida da criança e sua família.

2.3 O papel da enfermagem no rastreamento precoce do TEA

A identificação do Transtorno do Espectro Autista de crianças em atendimento no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS) requer cuidado e abordagem multidisciplinar, dada a diversidade de fatores que colaboram para o aparecimento desse transtorno. Dessa forma, é de grande importância uma triagem padronizada e qualificada (Weill; Zavodny; Souders, 2018), pois o enfermeiro acompanha a criança desde o seu nascimento, avaliando os marcos do desenvolvimento de forma periódica. Esse acompanhamento se trata da consulta de puericultura dentro da Atenção Primária de Saúde, segundo o Cofen (2023):

“A puericultura consiste em um acompanhamento periódico visando a promoção e proteção da saúde das crianças e adolescentes, por meio dela acompanha-se integralmente o ser humano de 0 a 19 anos, sendo possível identificar precocemente qualquer distúrbio de crescimento, desenvolvimento

físico e mental, nutricional, dentre outros, compreendendo a criança e o adolescente como um ser em desenvolvimento com suas particularidades.” (Cofen, 2023)

Nesse aspecto, o enfermeiro é um dos profissionais que tem o primeiro contato com a criança nos serviços de saúde, portanto, durante a consulta de puericultura, ele tem a oportunidade de realizar a anamnese e conhecer o histórico e os aspectos comportamentais da criança. Além disso, ele pode observar desde comportamentos incomuns até sinais precisos do TEA, bem como realizar intervenções para promoção de saúde e efetivação dos direitos da criança, logo, estará pondo em prática a assistência de enfermagem. (Mota *et al.*, 2022).

É essencial que a assistência de enfermagem prestada pela equipe seja acolhedora, holística e siga preceitos éticos, de modo a transmitir segurança a criança com TEA e seus familiares. O profissional precisa ter habilidades para se relacionar com as crianças de forma geral, a fim de acompanhar seu ritmo de desenvolvimento, mantendo uma relação profissional e amistosa tanto com a criança como a família (Soeltl; Fernandes; Camillo, 2020).

Estudos mostram que os profissionais de enfermagem mostram inexperiência em conduzir uma consulta de enfermagem, prestando cuidados e estabelecendo intervenções qualificadas a crianças com TEA. Existe uma dificuldade no manejo da triagem e na identificação precoce dos primeiros sinais e sintomas referentes ao transtorno, em razão da falta de conhecimento, habilidade e, conseqüentemente, de estratégias para identificar essas alterações no desenvolvimento da criança à qual estão prestando atendimento (Pitz; Gallina; Schultz, 2021).

No estudo de Nascimento *et al.* (2018), destaca-se a atuação do enfermeiro como um dos contatos rotineiros dentro da APS, enfrentando diversas dificuldades no reconhecimento precoce dos sinais do Transtorno do Espectro Autista. Entre essas dificuldades, estão a escassez de conhecimento sobre o tema, o déficit na formação acadêmica e o pouco investimento em educação permanente. Além de que durante as entrevistas, evidenciou-se que, para alguns profissionais, a identificação de sinais e sintomas do transtorno não é considerada uma responsabilidade do enfermeiro.

Diante disso, no âmbito da ESF, o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil é uma ação legalmente respaldada (Fontana; Pereira; Rodrigues, 2020). Inclusive é recomendado na Caderneta da Criança que seja realizada a avaliação com questionário para a triagem do Autismo em criança entre

16 e 30 meses, chamado de escala Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) (Brasil, 2022).

O M-CHAT é um questionário de simples aplicação que consiste em perguntas direcionadas aos pais ou responsáveis que abrangem assuntos relacionados ao desenvolvimento infantil (Souza *et al.*, 2022). É importante ressaltar que esse instrumento de rastreio é uma ferramenta auxiliar de diagnóstico de TEA em crianças, de modo a identificar casos de risco (Oliveira *et al.*, 2019). Entretanto, Braga *et al.* (2022) explica que a ferramenta tem alta sensibilidade e especificidade, de tal forma que se a criança pontuar positivo no teste deve ser encaminhado para avaliação com especialistas.

Outro instrumento de relevância e que está inserido na rotina de cuidados de crianças na primeira infância é a Caderneta de Saúde da Criança (CSC). É uma importante ferramenta que possibilita o acompanhamento e vigilância do crescimento e desenvolvimento infantil, comportando registros dos eventos mais importantes na saúde da criança do pré-natal ao prosseguimento de puericultura, constituindo um meio de comunicação entre família e profissional de saúde (Almeida *et al.*, 2021).

Segundo disserta Mariano (2022), o preenchimento adequado e contínuo da CSC é de extrema relevância para verificar a presença de atrasos significativos no desenvolvimento da criança. A escala de Desenvolvimento Neuropsicomotor presente na caderneta pode ser um parâmetro adequado para identificar precocemente o TEA, assim como outros transtornos do neurodesenvolvimento.

3 METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica é o método que possibilita o início de uma investigação científica por meio da coleta de dados e referências teóricas confiáveis, previamente avaliados e já publicados. O material utilizado pode ser consultado em fontes como livros, jornais, revistas, periódicos, artigos, entre outros. O objetivo é orientar o pesquisador em relação ao conteúdo já explorado por outros autores (Sampaio, 2024).

3.1 Tipo de estudo

Este estudo se trata de uma Revisão Integrativa de Literatura, descritiva e de caráter qualitativo, pois de acordo com Souza *et al.* (2010), Gil (2008) e Minayo (2010), pesquisas que abordam esse tipo de metodologia têm sido utilizadas para analisar e sintetizar o conhecimento científico, bem como uma compreensão aprofundada sem necessariamente estabelecer relações de causa e efeito. A revisão integrativa permite uma análise mais ampla da literatura, combinando estudos de diferentes metodologias:

“A revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos. O propósito inicial deste método de pesquisa é obter um profundo entendimento de um determinado fenômeno baseando-se em estudos anteriores” (Universidade Estadual Paulista, 2015, p. 5).

Sendo assim, de acordo com o Manual de Revisão Bibliográfica Sistemática Integrativa (2014), a revisão integrativa da literatura (RIL) tem como finalidade reunir e integrar de forma sistemática e abrangente conceitos, opiniões e ideias, inclusive de áreas diversas do conhecimento. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa da literatura segue seis etapas fundamentais que orientam todo o desenvolvimento do estudo, essas etapas são previamente definidas em um protocolo, conforme ilustra o quadro 1.

Quadro 1 – Etapas que orientam a realização da revisão integrativa da literatura

| ETAPA | DEFINIÇÃO | CONDUTA REALIZADA |
|-------|-----------|-------------------|
|-------|-----------|-------------------|

| | | |
|----|---------------------------------------|--|
| 1° | Elaboração da pergunta norteadora | Formação da questão de pesquisa, identificar palavras-chaves, tema relacionado com a prática clínica |
| 2° | Busca da amostra na literatura | Uso de base de dados, estabelecer critérios de exclusão e inclusão |
| 3° | Coleta de dados | Extração e organização de informações |
| 4° | Análise crítica dos estudos incluídos | Descrever criticamente os estudos apresentados |
| 5° | Discussão dos resultados | Debate dos resultados, sintetizar estratégias |
| 6° | Apresentação da revisão integrativa | Produzir documentos que relatam detalhadamente a revisão |

Fonte: Souza, Silva e Carvalho, 2010.

3.2 Formulação da questão norteadora

A definição da pergunta norteadora é a etapa fundamental da revisão, pois é ela que estabelece os critérios para a seleção dos estudos, os métodos para sua identificação e os dados que serão extraídos de cada estudo escolhido. Dessa forma, envolve a especificação da amostra, das intervenções a serem analisadas e dos resultados a serem medidos. A pergunta deve ser formulada de maneira clara e específica, vinculando-se a um raciocínio teórico que inclua teorias e conhecimentos já adquiridos pelo pesquisador (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

Com isso, o Manual de Revisão Bibliográfica Sistemática Integrativa (2014) estabelece a estratégia PICOT, sendo utilizada na formulação da pergunta norteadora, além de que esse método estabelece uma estrutura eficaz para a realização da busca de dados eletrônicos. Assim, sendo definida pelos elementos: P – população-alvo, I – área de interesse, C – grupos, O – obter resultados, T – tempo necessário. Nesta pesquisa, definiu-se como P – enfermeiros, I – Transtorno do Espectro Autista, C – consulta de puericultura, O – não se aplica e T – não se aplica. Portanto, a pergunta norteadora foi definida como: Quais são os desafios enfrentados pelos enfermeiros da Atenção Básica no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista durante as consultas de puericultura?

3.3 Bases de dados para a busca

Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico durante o período de julho a agosto de 2024, nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (Scielo Brasil) e Google Acadêmico. Na base de dados supracitadas, foram utilizados os DeSC (Descritores em Ciências da Saúde) acordado pelo operador booleano “AND”, com termos como ‘Enfermagem’, ‘Triagem’, ‘Puericultura’, ‘autismo’, ‘Atenção Primária à Saúde’, ‘Consulta de Enfermagem’, ‘Transtorno do Espectro Autista’.

Quadro 2 – Estratégia para a localização de artigos nas bases de dados por meio dos Descritores em Ciências da Saúde e operador booleano

| BASE DE DADOS | ESTRATÉGIA DE BUSCA (DeCS e operador booleano) |
|----------------------|---|
| BVS | Enfermagem AND triagem AND autismo |
| CAPES | Puericultura AND Transtorno do Espectro Autista |
| Scielo Brasil | Atenção Primária à Saúde AND autismo |
| Google Acadêmico | Consulta de enfermagem AND triagem AND Transtorno do Espectro Autista |

Fonte: Próprio autor, 2024.

3.4 Critérios de inclusão e exclusão

Para a integração dos estudos na amostra, foram empregados os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos publicados entre 2019 a julho de 2024, exclusivamente em português, que abordam a temática do estudo e que respondam à questão norteadora. Esses critérios estão alinhados com as recomendações de Souza *et al.* (2010), Galvão e Pereira (2014), e Mendes *et al.* (2008), que ressaltam sobre a relevância de selecionar estudos atuais, definir um idioma adequado para a interpretação dos resultados e a definição de critérios rigorosos para incluir estudos dentro da questão norteadora.

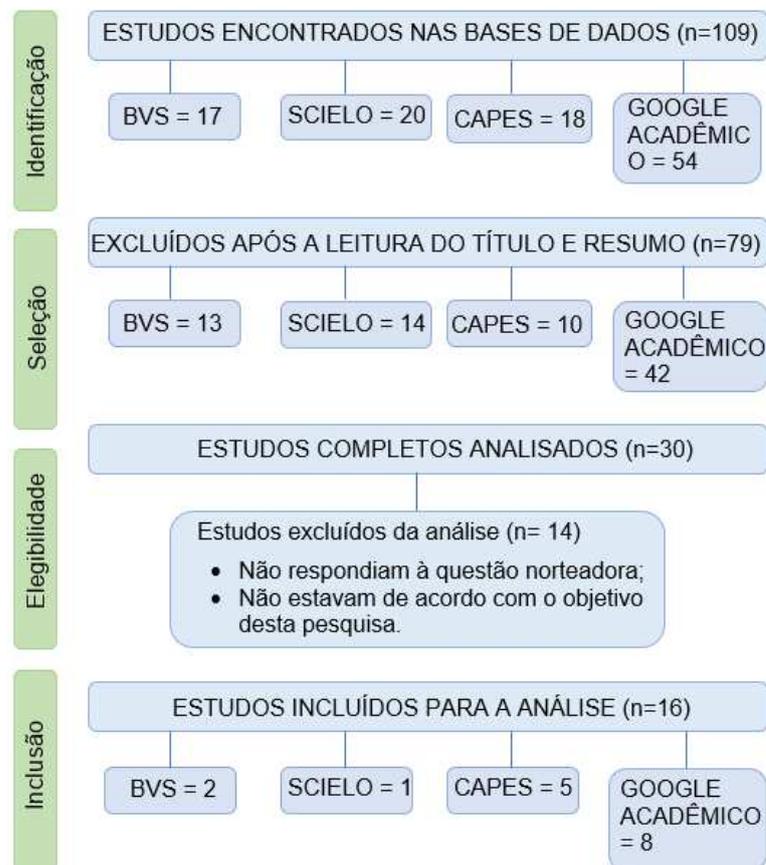
Os critérios de exclusão foram baseados em estudos duplicados, não gratuitos, não presentes nas bases de dados escolhidas para esta pesquisa, cartas ao editor, resenha, livros, redigidos em língua estrangeira, pesquisas que não se adequavam ao objetivo principal deste estudo.

3.5 Procedimento de coleta da amostra

O processo metodológico utilizado para a coleta dos artigos, baseou-se no fluxograma conforme adaptado por Corrêa *et al.* (2022), seguindo as etapas de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Inicialmente, foram identificados 109 estudos nas bases de dados, utilizando os descritores selecionados, sendo 17 da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), 20 da Scielo Brasil, 18 no Portal de Periódicos CAPES e 54 no Google Acadêmico.

Na fase da seleção, após a leitura dos títulos e resumos, 79 estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios estabelecidos. Na terceira etapa, os 30 restantes foram analisados na íntegra, resultando na exclusão de 14 estudos, pois não se adequaram aos critérios de inclusão, além de quem não respondiam à questão norteadora. Assim, a finalização da amostra foi composta por 16 artigos, que foram incluídos na análise desta revisão, conforme apresentado no fluxograma.

Figura 1 – Fluxograma das etapas para a integração da amostra, sendo a identificação, seleção, elegibilidade e inclusão



Fonte: Próprio autor, 2024.

3.6 Análise de dados

A análise textual discursiva (Moraes, 2003), é uma metodologia de análise de dados que integra características da análise de conteúdo e do discurso em pesquisas qualitativas. Os estudos escolhidos foram examinados conforme esse método, que segue quatro etapas: 1) Fragmentação dos textos para identificar temas principais; 2) Agrupamento de unidades, formando categorias com títulos específicos; 3) Análise profunda, gerando uma nova compreensão do conteúdo; 4) Reorganização, que reconstrói o conteúdo com novas perspectivas (Silva, 2022).

3.7 Riscos e benefícios

Acerca dos riscos que esta pesquisa oferece, pode-se destacar, primeiramente, a generalização dos resultados, uma vez que uma revisão pode não refletir em todas as realidades regionais do Brasil. Além de que há o risco da falta de dados recentes ou específicos, uma vez que a quantidade de estudos pesquisados pode ser limitada. Os benefícios desta pesquisa incluem a contribuição para o conhecimento científico, a sensibilização sobre o tema, o apoio às práticas clínicas, uma vez que os resultados podem oferecer soluções e estratégias para a melhora do rastreamento do TEA na APS, bem como a capacitação dos profissionais de saúde.

4 RESULTADOS

Neste tópico, são apresentados os principais achados obtidos a partir da revisão da literatura que compôs a amostra desta pesquisa. Para facilitar a compreensão dos resultados, foram elaborados quadros que demonstram de forma transparente as informações encontradas. Para a caracterização dos estudos foi elaborado dois quadros com informações específicas e estratégicas, incluindo detalhes característicos, bem como os principais resultados identificados pelos autores e suas respectivas conclusões.

4.1 Caracterização dos estudos analisados

Conforme descrito na metodologia desta pesquisa, após a aplicação da estratégia de busca, identificação, seleção, elegibilidade e inclusão, foram obtidos 16 (dezesseis) estudos que sintetizam os principais achados sobre as barreiras e dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros na detecção precoce de sinais do TEA durante a consulta de puericultura, bem como as estratégias e recomendações para superar os desafios no rastreamento precoce do transtorno. Conforme o quadro 3, estão organizadas as principais informações obtidas a partir dos estudos selecionados, como o(os) autor(es), título, abordagem/local e base de dados, além de que foi atribuído o código para cada autor afim de facilitar a sua localização e respectivos conteúdo.

Quadro 3 – Caracterização dos estudos utilizados na revisão integrativa

| Cód. | Autor/ano de publicação | Título | Abordagem/local | Base de dados |
|-------------|----------------------------------|--|--|----------------------|
| A1 | Silva, Santos e Rodrigues (2022) | A atuação do (a) enfermeiro (a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com transtorno do espectro autista, no âmbito da Atenção Primária à Saúde | Revisão integrativa de literatura/ IFPE | Google Acadêmico |
| A2 | Soelti, Fernandes, | O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à | Estudo descritivo, de abordagem qualitativa/ | BVS |

| | | | | |
|-----|----------------------------------|--|---|------------------|
| | Camillo (2019) | luz da teoria do cuidado humano | Região do ABC Paulista | |
| A3 | Sena (2021) | Atuação Do Enfermeiro Na Detecção Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Estratégia Saúde Da Família | Revisão integrativa de literatura/ Fortaleza - CE | Google Acadêmico |
| A4 | Adam (2021) | Conhecimento Da Enfermagem Perante O Transtorno Do Espectro Autista | Pesquisa descritiva exploratória de abordagem qualitativa/ São Leopoldo - RS | Google Acadêmico |
| A5 | Flor (2023) | Conhecimento Do Enfermeiro Da Estratégia De Saúde Da Família Acerca Do Diagnóstico Precoce Do Autismo | Pesquisa descritiva e exploratória de abordagem qualitativa/ Nova Cruz, Rio Grande do Norte | Google Acadêmico |
| A6 | Almeida, <i>et al.</i> (2024) | Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista | Estudo descritivo, transversal, quantitativo/ Teresina, Piauí | BVS |
| A7 | Zech (2024) | Crianças Com Suspeita De Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Conhecendo As Ações Do(A) Enfermeiro(A) | Estudo Com Abordagem Qualitativa, Descritiva-exploratória/ Santa Catarina | Google Acadêmico |
| A8 | Oliveira, Moraes e Cabral (2023) | Detecção precoce dos sinais de alerta do autismo nas consultas de puericultura pelos enfermeiros | Estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório/ Rio de Janeiro | Scielo Brasil |
| A9 | Felipe (2024) | Estratégias E Desafios Do Enfermeiro Na Detecção Precoce De Alterações Do Neurodesenvolvimento Durante A Puericultura: Uma Revisão Integrativa Da Literatura | Revisão Integrativa de Literatura/ Juazeiro do Norte - CE | Google Acadêmico |
| A10 | Corrêa, Gallina e Schultz (2021) | Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: | Pesquisa descritiva de abordagem qualitativa | CAPES |

| | | | | |
|-----|--------------------------------|--|---|------------------|
| | | conhecimento das enfermeiras | estruturada/ Santa Catarina | |
| A11 | Falcão, <i>et al.</i> (2022) | O papel do enfermeiro na detecção precoce do transtorno do espectro autista infantil | Revisão integrativa de literatura | CAPES |
| A12 | Budniak (2020) | Percepção dos enfermeiros da atenção básica frente ao atendimento e diagnóstico de crianças portadoras de transtornos do espectro autista | Pesquisa qualitativa exploratória/ Guarapuava-Paraná | Google Acadêmico |
| A13 | Souza (2024) | Puericultura E Diagnóstico Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Avaliação Da Implantação De Instrumento De Triagem | Pesquisa-ação/ Sobral, Ceará. | Google Acadêmico |
| A14 | Corrêa, <i>et al.</i> (2022) | Triagem para transtorno do espectro autista pela enfermeira na atenção primária: revisão integrativa | Revisão integrativa de literatura/ SP | CAPES |
| A15 | Melo, <i>et al.</i> (2023) | A enfermagem na identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças durante a puericultura: uma revisão integrativa | Revisão integrativa de literatura | CAPES |
| A16 | Carvalho, <i>et al.</i> (2023) | Aplicação da escala M-CHAT pelos profissionais das UBSF's: contraste entre teoria e prática | Estudo observacional e descritivo, de corte transversal com aplicação prática em campo do tipo quali-quantitativo/ Araguari - MG | CAPES |

Fonte: próprio autor, 2024.

Essa pesquisa contemplou estudos publicados entre janeiro de 2019 a julho 2024, e constatou-se que o interesse pelo tema tem aumentado desde 2019, especialmente nos anos de 2023 e 2024, período em que a temática foi mais explorada pelos pesquisadores. Dos 16 estudos encontrados, 8 foram obtidos a partir

da base de dados Google Acadêmico, sendo a maioria composta por Trabalho de Conclusão de Curso e pesquisas de campo.

Os resultados apontados pelos autores revelaram deficiências comuns, como o déficit de conhecimento, o despreparo e insegurança dos profissionais de enfermagem no rastreamento do autismo, desconhecimento de instrumentos para triagem, escassez de protocolos e fluxos, abordagem limitada ou inexistente durante a formação acadêmica. Outras dificuldades citadas incluem a carga de horário elevada, não preenchimento da caderneta da criança, falta de capacitação profissional e escassez de estudos dentro da temática. Em relação às conclusões dos estudos analisados, a maioria apontou para a capacitação profissional, educação permanente e abordagem do conteúdo na formação acadêmica, conforme o quadro 4.

Quadro 4 – Descrição dos estudos utilizados segundo o objetivo geral, principais resultados e conclusão

| Cód . | Autor/a no | Título | Objetivo geral | Principais resultados | Conclusão |
|--------------|----------------------------------|--|---|---|---|
| A1 | Silva, Santos e Rodrigues (2022) | A atuação do (a) enfermeiro (a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com transtorno do espectro autista, no âmbito da Atenção Primária à Saúde | Analisar a produção científica relacionada à atuação do (a) enfermeiro (a) no rastreamento e no acompanhamento de crianças com TEA, no contexto da APS. | A maioria dos enfermeiros não preenchem a página da caderneta da criança destinada à investigação precoce dos sinais e sintomas dos transtornos; expressam baixa familiaridade em reconhecer os sinais e sintomas; dificuldade em conceituar o autismo e desconhecimento dos instrumentos de triagem para o TEA; déficit apresentado no currículo da graduação de enfermagem sobre o autismo. | Realizar capacitação desses profissionais, apresentação de protocolos em momentos de educação permanente; abordagem do TEA dentro dos eixos da matriz curricular. |
| | | O conhecimento da | Analisar, com base nos princípios | Os profissionais de enfermagem não estão preparados | Realizar a estimulação dessa |

| | | | | | |
|----|-----------------------------------|--|---|---|--|
| A2 | Soelti, Fernandes, Camillo (2019) | equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano | abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional. | para atuar na assistência da criança com TEA. O tema é pouco abordado durante sua formação, fazendo com que os profissionais se sintam inseguros e incapazes de prestar assistência a essa criança e sua família. | abordagem e a produção de novos estudos acerca do tema por parte desses profissionais. |
| A3 | Sena (2021) | Atuação Do Enfermeiro Na Detecção Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Estratégia Saúde Da Família | Realizar o levantamento da produção científica brasileira sobre a atuação do enfermeiro na detecção precoce do Transtorno do Espectro do Autista infantil na Estratégia Saúde da Família. | Encontrou-se dificuldade pela insuficiência de artigos que relatam sobre detecção precoce e a atuação do enfermeiro em relação Transtorno do Espectro do Autismo infantil na Estratégia Saúde da Família. | Necessidade de readequação dos currículos acadêmicos para atender às novas demandas em saúde; fortalecer o conhecimento, conexão e empatia com a família; educação permanente. |
| A4 | Adam (2021) | Conhecimento Da Enfermagem Perante O Transtorno Do Espectro Autista | Investigar os conhecimentos que o profissional da saúde enfermeiro possui em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), nas RAS de São Leopoldo. | Foram relatados pelos entrevistados a falta de experiência; sentimento de insegurança; falta de conhecimento de como manejar uma criança autista; deficiência de abordagem do tema na graduação. | A enfermagem deve dar o primeiro passo para a melhoria na assistência ao TEA, como realizar avaliação de qualidade, escuta ativa, gerenciamento e tomada de decisão. |
| | | Conhecimento Do Enfermeiro Da | Descrever o conhecimento do enfermeiro da | Há uma dificuldade em conceituar o que é o TEA; estão mais atentas para o | Surge a necessidade de realização de |

| | | | | | |
|----|------------------------|---|---|---|---|
| A5 | Flor (2023) | Estratégia De Saúde Da Família Acerca Do Diagnóstico Precoce Do Autismo | Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre os instrumentos disponíveis para rastreamento do Autismo. | crescimento adequado para a idade; desconhecem instrumentos específicos para o rastreamento. | capacitações e treinamentos para implantação dos instrumentos de rastreio do TEA na prática assistencial do enfermeiro na atenção primária a saúde. |
| A6 | Almeida, et al. (2024) | Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista | Avaliar conhecimento e prática de enfermeiros de unidades de atenção primária à saúde acerca do transtorno do espectro autista | A maioria referiu conhecimento insuficiente na graduação, 85,7% não conheciam instrumentos de triagem e nenhum recebeu capacitação pelo serviço; déficits em conteúdos sobre características e etiologia. | Há necessidade de formação apropriada na graduação e de educação continuada para os profissionais. |
| A7 | Zech (2024) | Crianças Com Suspeita De Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Conhecem As Ações Do(A) Enfermeiro (A) | conhecer as ações do enfermeiro diante de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista nas consultas de enfermagem realizadas na Atenção Primária à Saúde. | A falta de capacitações foi ressaltada por todos os participantes; e relatam a existência de protocolos mal definidos. | Destaca-se a necessidade de maior investimento em capacitações para os enfermeiros atuantes na Atenção Primária à Saúde para a garantia do cuidado. |
| | | Detecção precoce dos sinais de alerta do autismo | Descrever as percepções de enfermeiros sobre | Durante a avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil, o enfermeiro percebeu | Enfermeiros não devem se restringir a análise do crescimento e |

| | | | | | |
|-----|----------------------------------|--|--|---|---|
| A8 | Oliveira, Moraes e Cabral (2023) | nas consultas de puericultura pelos enfermeiros | detecção precoce dos sinais de alerta dos TEA nas consultas de puericultura | alterações, estreitou as relações interpessoais com as famílias e utilizou a caderneta da criança como instrumento avaliativo. | desenvolvimento, deve ser realizado a capacitação de profissionais de saúde para o diagnóstico precoce e a instalação de intervenções junto as crianças e famílias. |
| A9 | Felipe (2024) | Estratégias E Desafios Do Enfermeiro Na Detecção Precoce De Alterações Do Neurodesenvolvimento Durante A Puericultura: Uma Revisão Integrativa Da Literatura | Conhecer as estratégias e desafios do enfermeiro na detecção precoce de alterações do neurodesenvolvimento durante a puericultura | Carga de trabalho elevada limita o tempo disponível para consultas detalhadas; falta de capacitação interfere no diagnóstico precoce; escassez de recursos. | Formação contínua dos enfermeiros nessa área; necessidade de implementação de protocolos, capacitação e treinamento. |
| A10 | Corrêa, Gallina e Schultz (2021) | Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecime | Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade | As entrevistadas apresentam dificuldade em conceituar o TEA; não é realizada uma triagem com o uso de instrumentos específicos, pois relatam que outros profissionais como psicólogo são indicados para a identificação dos sinais. | Incentivar a utilização de instrumentos de triagem precoce, realizando treinamento e capacitação. |

| | | | | | |
|-----|------------------------------|---|--|--|---|
| | | nto das enfermeiras | na consulta de puericultura. | | |
| A11 | Falcão, <i>et al.</i> (2022) | O papel do enfermeiro na detecção precoce do transtorno do espectro autista infantil | Verificar as evidências científicas sobre o papel e atuação do Enfermeiro na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA). | Evidenciou-se que é fundamental o conhecimento dos enfermeiros acerca do papel da enfermagem na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista. | É preciso ser realizada novas pesquisas sobre a estimulação precoce no tratamento do autismo. |
| A12 | Budniak (2020) | Percepção dos enfermeiros da atenção básica frente ao atendimento e diagnóstico de crianças portadoras de transtornos do espectro autista | Desvelar a percepção dos profissionais de enfermagem dentro das Unidades Básicas de Saúde frente ao atendimento e diagnóstico de crianças com Transtorno do Espectro Autista | Idealização da criança autista sendo descrita como quieta; Dificuldade em reconhecer sinais quando bebê; pouca compreensão do tratamento; conhecimento limitado sobre o TEA. | Realização de capacitação profissional; realizar mais pesquisas sobre a enfermagem e o autismo; abordagem multidisciplinares para a criança e a família. |
| A13 | Souza (2024) | Puericultura E Diagnóstico Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Avaliação Da Implantação De Instrument | Analisar a aplicabilidade deste instrumento de triagem para o TEA durante a consulta de puericultura na Atenção Primária. | A utilização do M-CHAT não é realidade dentro dos Centro de Saúde da Família (CSF), além de não ser conhecida pela maior parte dos entrevistados; e sentem Insegurança sobre o tema. | Incentivo a utilização de instrumentos como forma de favorecer o diagnóstico precoce; incentivo a realização de novas pesquisas que abordem o protagonismo da enfermagem no diagnóstico |

| | | o De Triagem | | | precoce do TEA. |
|-----|------------------------------------|--|--|--|---|
| A14 | Corrêa, <i>et al.</i> (2022) | Triagem para transtorno do espectro autista pela enfermeira na atenção primária: revisão integrativa | Identificar a utilização de instrumentos de triagem para o TEA pela enfermeira nas consultas de puericultura | Os enfermeiros não se sentem seguros ou preparados para realizar a triagem de sinais do TEA; não utilizam instrumentos, pois declaram a falta de tempo, conhecimento e abordagens sobre a temática na graduação. | Mais pesquisas sobre a temática; incentivo aos acadêmicos a conhecerem o tema na graduação; utilização de instrumentos para a triagem do TEA. |
| A15 | Melo, <i>et al.</i> (2023) | A enfermagem na identificação do precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças durante a puericultura: uma revisão integrativa | Sintetizar as evidências disponíveis sobre a eficácia das intervenções de enfermagem na identificação precoce do TEA em crianças na atenção primária em saúde. | Existe uma carência de conhecimentos de profissionais para lidar com situações atípicas; os profissionais divergem muito nas percepções sobre o tema; desmotivação da equipe de enfermagem e falta de interesse profissional de buscar conhecimento. | Implementação de ferramentas de avaliação que auxiliem nas consultas de puericultura; capacitação dos profissionais; padronização do rastreamento e qualificação profissional. |
| A16 | Carvalho, <i>et al.</i> (2023) | Aplicação da escala M-CHAT pelos profissionais das UBSF's: contraste entre teoria e prática | Verificar se há conhecimento e aplicação da escala M-CHAT por parte dos profissionais de saúde. | Observou-se lacunas entre a teoria e a prática; a maioria desconhece ou não aplica a escala; a utilização do M-CHAT não é realidade na Atenção Básica. | Elaboração de pesquisas que avaliem a proporção de crianças autistas no país; investigação futura de fatores que limitam a aplicação da escala; educação permanente e continuada. |

Fonte: próprio autor, 2024.

5 DISCUSSÃO

A análise dos resultados dos estudos revelou achados relevantes sobre os desafios enfrentados pelos enfermeiros na identificação precoce de sinais e sintomas do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse contexto, essa revisão possibilitou a criação de duas categorias: “Dificuldades Enfrentadas pelo Enfermeiro no Rastreamento Precoce do Transtorno do Espectro Autista”, que aborda as principais barreiras relatadas na literatura pelos enfermeiros da Atenção Básica na identificação do TEA durante as consultas de puericultura; e “Estratégias e Recomendações para Superar os Desafios no Rastreamento Precoce dos Sinais e Sintomas do TEA”, que apresenta a síntese das estratégias sugeridas pelos autores dos estudos para superar as dificuldades na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista.

5.1 Dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro no rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista

No contexto da ESF e da Saúde da Criança, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na puericultura, exercendo uma função autônoma na avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil. Esse profissional está situado em uma posição privilegiada para identificar possíveis sinais associados ao TEA, considerando que as diretrizes do Ministério da Saúde recomendam a utilização de instrumentos específicos para o rastreamento precoce do transtorno.

A análise dos estudos revelou que a falta de conhecimento sobre o TEA é uma das principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais de enfermagem que atuam dentro da puericultura, pois todos os autores analisados destacaram essa lacuna como um obstáculo significativo. Segundo Melo *et al.* (2023) (A15):

“[...] o enfermeiro é um dos principais responsáveis pelo acompanhamento do desenvolvimento infantil, pois ele se faz presente nas consultas de puericultura na qual são avaliados os sinais esperados na infância com a percepção para identificar alterações e indícios que levem ao processo de diagnóstico do TEA.” (Melo *et al.*, 2023) p.11

O enfermeiro é responsável pelo o acompanhamento da criança ao longo da sua infância, acompanhando os marcos do desenvolvimento afim de identificar alterações neurológicas e comportamentais. Entretanto, essa assistência pode estar

comprometida pelo fato de que o déficit de conhecimento acerca do TEA foi encontrado como ponto em comum entre os autores. Conforme aponta Sena (2021) (A3), é necessário que o enfermeiro tenha conhecimento diante do assunto abordado, pois a avaliação do crescimento e desenvolvimento infantil requer essa competência, conseqüentemente ajudará na descoberta precoce do autismo.

A ideia supracitada corrobora com Soeltl, Fernandes e Camillo (2020) (A2) que enfatizam que sem o conhecimento dos sinais precoce do TEA não há possibilidade do profissional de enfermagem auxiliar na investigação inicial para o autismo, pois na maioria das vezes, os enfermeiros detêm algum conhecimento, mas não o suficiente ou inconsistentes resultando em agravos à saúde da criança. Portanto, os casos de TEA muitas vezes são negligenciados devido ao despreparo dos profissionais, o que leva a sinais precoces passarem despercebidos ou serem erroneamente interpretados como comportamentos típicos, como a timidez.

Em contrapartida, Silva, Santos e Rodrigues (2022) (A1) destacam que há um distanciamento entre o que está proposto na literatura científica, e o que realmente é vivenciado no contexto assistencial. No estudo de Adam (2021) (A4), realizado no município de São Leopoldo/RS, os entrevistados revelaram em suas falas um conhecimento ainda fragilizado, tendo dificuldade de entender o conceito de TEA, e até mesmo causando confusão de “autismo” e “TEA” como sendo temáticas distintas.

A falta de conhecimento se mostra até na percepção do/a enfermeiro/a em relação à criança autista, descrevendo-o como aquele que vive em um mundo paralelo sem interação social. Isso também é evidenciado no estudo de Soeltl, Fernandes e Camillo (2020) (A2), onde os enfermeiros em seus depoimentos descreveram uma criança autista sendo como “fechadinha no mundo dela”. Isso revela uma visão ainda limitada, refletindo conceitos desatualizados, e por vezes, até preconceituosos.

Por outro lado, no estudo de Flor (2023) (A5), realizado no Município de Nova Cruz, Rio Grande do Norte, os enfermeiros descreveram o Transtorno do Espectro Autista como uma “alteração no desenvolvimento”, uma “doença psicológica”, um “déficit na capacidade de relacionar com outras crianças”.

“Percebe-se nas falas das enfermeiras, [...] que há uma limitação na informação das características evidenciadas pela criança que podem despertar para a indicação do acompanhamento especializado. As entrevistadas trazem em seus discursos que o TEA seria uma doença psicológica, um déficit na capacidade de se relacionar com outras crianças” (Flor, 2023) p. 16.

Esse entendimento, embora demonstre certa confusão conceitual, revela que os profissionais reconhecem a importância da enfermagem na detecção precoce do autismo. Também destacaram que a falta de informações constitui uma das principais barreiras durante as consultas de crescimento e desenvolvimento no rastreamento precoce. Além disso, o TEA é uma condição neurológica permanente, não uma doença e, portanto, não deve ser abordado como tal, o que não foi devidamente discutido pela autora.

O déficit de conhecimento sobre o autismo manifesta-se na dificuldade em conceituar o transtorno, reconhecer os principais sinais e realizar o rastreamento precoce em bebês. Esse cenário é destacado no estudo de Budniak (2020) (A12), realizado Município de Guarapuava, Paraná, apontando que muitos profissionais ainda enfrentam desafios para identificar esses sinais antes dos dois anos de idade, conforme evidenciado pelos depoimentos das enfermeiras participantes da pesquisa. De fato, o reconhecimento em crianças menores exige mais entendimento do profissional, mas existem instrumentos que auxiliam a identificação precoce de atrasos do neurodesenvolvimento, como a Caderneta da Criança.

O déficit do conhecimento se expressa também na concepção do profissional sobre a sua atribuição no rastreio de sinais do TEA, como destaca a investigação de Pitz, Gallina e Schultz (2021) (A10), em que os entrevistados relatam que outros atuantes da área da saúde, como médicos especialistas, psicólogos e educadores são os indicados para essa identificação precoce. Esse tipo de pensamento infelizmente limita a sua atuação dentro da ESF, uma vez que o profissional de enfermagem tem a competência de realizar consultas, elaboração de diagnósticos, bem como a prescrição de enfermagem, essa integração tem início na formação acadêmica.

Soeltl, Fernandes e Camillo (2020) (A2) destacam que a lacuna de conhecimento sobre o TEA tem origem na formação profissional, conforme evidenciado pelos relatos dos entrevistados sobre a abordagem limitada do tema durante a graduação. Os autores defendem que as instituições de ensino são responsáveis por fornecer uma base sólida sobre o assunto, uma vez que há um déficit de conhecimento básico acerca do TEA entre os estudantes da área da saúde. Os entrevistados reforçam essa ideia em seus depoimentos, reconhecendo a necessidade de maior suporte educacional sobre o tema durante a graduação de enfermagem, o que segundo eles não é adequadamente oferecido.

Essa perspectiva é corroborada pelo estudo de Silva, Santos e Rodrigues (2022) (A1), que revelou em uma pesquisa com graduandos de enfermagem, a insuficiência de conhecimento adquirido durante a graduação sobre o Transtorno do Espectro Autista. Além disso, os participantes relataram não se sentirem confiantes para atender crianças com suspeitas de TEA. Dessa forma, o segundo desafio identificado foi a carência de abordagem adequada do tema na formação acadêmica, o que gera, por conseguinte, uma dificuldade significativa: o sentimento de insegurança e despreparo dos enfermeiros no rastreamento do TEA durante as consultas de puericultura.

Nessa conjuntura, a pesquisa de Souza (2024) (A13), realizada na cidade de Sobral-CE, evidenciou, por meio das respostas dos participantes, uma associação entre a inadequada preparação acadêmica em puericultura e a detecção precoce de distúrbios do desenvolvimento durante a graduação, corroborando com outros estudos presentes na literatura. Além disso, 64,3% dos participantes não se consideram preparados para a identificação de sinais e sintomas do Transtorno do Espectro Autista. Essas evidências apontam que o problema não é isolado, ou seja, deficiências na formação acadêmica podem influenciar de forma negativa a capacidade dos futuros profissionais em identificar precocemente problemas no desenvolvimento infantil.

Da mesma forma, a pesquisa de Almeida (2024) (A6) complementa em sua investigação, realizada na cidade de Teresina, Piauí, que entre 42 enfermeiros, 25 (95,2%) consideraram o conhecimento adquirido na graduação sobre o TEA insuficiente. Em consonância, os resultados de Corrêa (2022) (A14) indicam que embora os enfermeiros reconheçam a importância da triagem de sinais de TEA, muitos não se sentem confiantes ou preparados para realizá-la, devido à ausência de abordagem adequada sobre o tema durante o curso.

Esses resultados indicam que a falta de uma preparação adequada na graduação em puericultura está diretamente associada à dificuldade dos profissionais de enfermagem em identificar precocemente sinais do TEA. Devido a essa lacuna formativa, muitos enfermeiros se sentem despreparados para os reconhecer. Além de que lidar com algo novo, pouco explorado, mas que ainda assim é recomendado pelo Ministério da Saúde, provoca no profissional de enfermagem um sentimento de impotência frente a suas responsabilidades.

Dessa maneira, outro desafio identificado durante a análise foi o desconhecimento ou a não utilização de instrumentos coadjuvantes na busca por características precoces do TEA nas consultas de puericultura. De acordo com a pesquisa de Souza (2024) (A13), os sinais de risco para o desenvolvimento infantil são geralmente avaliados pelas profissionais por meio da observação e relatos dos pais. No entanto, os participantes afirmaram que não é realizada uma triagem com uso de um instrumento específico aos sinais de TEA. Esses achados evidenciam que, embora os enfermeiros reconheçam a importância da detecção precoce, eles não demonstram conhecimento sobre os instrumentos disponíveis para auxiliar nessa identificação.

Uma pesquisa realizada em Aragarari-MG por Carvalho *et al.* (2023) (A16), revelou que a maioria dos profissionais (79,20%) não utilizam instrumentos específicos para o rastreamento TEA, evidenciando que essa prática ainda não é implementada dentro do município. Entre os instrumentos recomendados, destaca-se a escala M-CHAT, preconizada pelo Ministério da Saúde, disponível na caderneta da criança e de fácil aplicação. No entanto, o estudo também demonstrou que os entrevistados desconheciam a M-CHAT, e mais de 80% dos participantes relataram nunca ter utilizado esse método durante as consultas de puericultura.

“Esses dados revelam que os profissionais que realmente conhece e aplicou essa escala, contrastando com a teoria sobre a necessidade de investigar precocemente criança. O que se observa na literatura é que o rastreio em tempo hábil do TEA, pelo M-CHAT por exemplo, tem de ocorrer em centros especializados para esses transtornos psíquicos e não é consultórios de profissionais generalista, atrasando diagnóstico para a maioria da população que possui apenas a esses serviços de saúde primários.” (Carvalho *et al.* 2023) p. 6-7.

A autora supracitada defende que as justificativas para essa barreira é a falta de conhecimento sobre a importância da realização do diagnóstico precoce, pela limitação do tempo dentro dos consultórios da saúde pública, e até mesmo pelo fato da maioria das consultas serem voltadas unicamente para as queixas apresentadas. Não obstante, na pesquisa de Flor (2023) (A5), ao serem questionados sobre os métodos e instrumentos de rastreamento do TEA, as enfermeiras relataram que apenas profissionais como psicólogos e médicos utilizam ferramentas específicas para auxiliar no rastreamento precoce. Essa percepção também foi evidenciada no

estudo de Pitz, Gallina e Schultz (2021) (A10), demonstrando a falta de familiaridade dos enfermeiros com instrumentos de triagem para o TEA.

Existe uma concepção equivocada de que a triagem dos sinais do Transtorno do Espectro Autista é uma responsabilidade exclusiva de médicos e psicólogos, o que restringe a atuação dos enfermeiros no contexto da puericultura. Apesar da disponibilidade de instrumentos indicados, como a CDC e a escala M-CHAT, observa-se que esses recursos não são utilizados, por conseguinte essa situação pode ser atribuída à ausência de treinamento específicos.

A falta de capacitação dos profissionais da atenção básica em relação ao rastreamento do TEA se mostrou outro fator desafiante em meio a esse contexto, bem como a escassez de protocolos e fluxos existentes. Nesse sentido, os resultados da pesquisa de Almeida (2024) (A6) afirmam que os enfermeiros já atenderam ou suspeitaram de crianças com sinais indicativos do transtorno nas consultas de puericultura, entretanto, mencionaram que o serviço não dispõe o uso de protocolos para rastreamento ou triagem desses sinais, e que nesses casos encaminham para o médico da equipe ou especialista.

No estudo de Zech (2024) (A7), observa-se que não há um fluxo estabelecido para o encaminhamento da criança e sua família em casos de suspeita. Entretanto, é evidente nos depoimentos durante a entrevista, que o enfermeiro tem a autonomia e facilidade de realizar o encaminhamento diretamente para o pediatra da rede do município, ou também após sua avaliação fazem uma interconsulta com o médico e trabalham em parceria dentro da Unidade Básica de Saúde para possibilitar uma melhor resolução do caso.

Segundo Silva, Santos e Rodrigues (2022) (A1), no que diz respeito ao direcionamento da criança com suspeita de TEA e sua família, a Estratégia Saúde da Família como ordenadora do cuidado possui responsabilidade em realizar a direção para o serviço especializado através da contrarreferência, ou seja, a equipe deve conhecer o funcionamento interno e externo para poder dar um direcionamento eficaz à família, evitando frustrações e desperdício de tempo.

Esses achados destacam a importância da organização e clareza nos fluxos de encaminhamento na APS, pois facilita o acesso das famílias a serviços especializados otimizando o tempo de resposta. No entanto, a falta de protocolos padronizados pode comprometer a qualidade do cuidado, mesmo que os enfermeiros tenham autonomia para tomar decisões. Com isso, o conhecimento das etapas de

contrarreferência se mostra importante, bem como a colaboração entre os profissionais da equipe multidisciplinar.

Essas dificuldades destacadas convergem para um problema central: a falta de capacitação dos profissionais de enfermagem no rastreamento precoce do TEA. Com isso, no estudo de Oliveira, Moraes e Cabral (2023) (A8), é enfatizado que para os enfermeiros identificarem sinais iniciais do transtorno, torna-se indispensável a capacitação adequada. Essa ideia é corroborada por Felipe (2023) (A9), afirmando que a ausência de preparo pode comprometer a coordenação do cuidado. Nesse contexto, a enfermagem deve adotar um olhar holístico e humanístico, conforme defendido por Carvalho *et al.* (2024) (A11), que reforça a necessidade de especialização e de uma observação mais apurada, pois quando mais cedo o TEA for identificado, mais precocemente será possível intervir.

5.2 Estratégias e recomendações para superar os desafios no rastreamento precoce do TEA

A triagem dos sinais de Transtorno do Espectro Autista realizada pelo enfermeiro na consulta de puericultura é extremamente relevante para o diagnóstico precoce, uma vez que exercer esse papel exige conhecimento científico e qualificação profissional. Entretanto, percebe-se que diversas barreiras dificultam o enfermeiro de realizar essa atividade de maneira correta, fazendo com que casos de TEA passem despercebidos e acabem sendo negligenciados (Pitz; Gallina; Schultz, 2021).

Nesse sentido, os autores dos estudos analisados indicam estratégias para superar essas barreiras e promover a melhora na assistência de enfermagem frente ao rastreamento do autismo em crianças. Entre todas as recomendações, a que obteve mais destaque foi a capacitação profissional, e conseqüentemente a educação permanente. Segundo Budniak (2020) (A12), percebe-se que o conhecimento sobre o autismo é defasado entre os profissionais de enfermagem, fazendo com que tenham dificuldade em identificar os sinais, e a capacitação vem como uma maneira de tornar o profissional mais capacitado para um atendimento de qualidade.

Segundo Souza (2024) (A13), evidenciam que há a necessidade de capacitações sobre TEA para os profissionais de enfermagem da atenção básica, pois os estudos indicam que muitos destes ainda se sentem inseguros e despreparados para detectar sinais de TEA nas consultas de puericultura. Além de que, dentro da

capacitação estão outras estratégias para qualificar o enfermeiro, uma delas é o incentivo à utilização de instrumentos para a avaliação dos indicadores do autismo. Essa ideia é evidenciada por Silva, Santos e Rodrigues (2022) (A1), que acrescenta que é necessário em especial dos que estão em uma das principais portas de entrada do Sistema Único de Saúde, como as UBS.

A estratégia do incentivo à utilização de instrumentos vem como consequência do papel da enfermagem dentro da puericultura, pois é através disso que o profissional irá se basear ao avaliar o desenvolvimento da criança. A realização do treinamento para o uso das escalas dentro da consulta é de suma importância, como destaca Souza (2024) (A13). Em seu estudo, foi realizado um treinamento para os profissionais de enfermagem em como utilizar a escala M-CHAT como método de rastreio, após a ação 100% dos participantes responderam que se sentiam preparados para a aplicação da escala em suas consultas.

Neste sentido, as enfermeiras devem considerar os instrumentos de triagem para TEA não apenas como um facilitador na identificação de problemas, mas também como um instrumento para potencializar o desenvolvimento saudável a curto e longo prazo (Flor, 2023) (A5). Assim, é evidente que o treinamento dos enfermeiros é importante para a qualificação profissional, pois o preparo da equipe de enfermagem, em especial a que atua na Atenção Básica, necessita de aprimoramento, uma vez que é nesse nível de atenção que muitos casos de TEA são detectados (Soeltl; Fernandes; Camillo, 2020) (A2).

A educação permanente revela-se um aspecto fundamental para aprimorar o conhecimento do enfermeiro sobre o Transtorno do Espectro Autista. É essencial que o profissional busque ativamente fontes para construir e ampliar seu próprio entendimento acerca do tema, evitando limitar-se a uma avaliação superficial da criança, conforme destaca Sena (2021) (A3) e Zech (2024) (A7). No entanto, para que o rastreamento seja realizado de forma eficaz, não basta apenas o esforço do profissional em manter-se atualizado, se a ausência de protocolos compromete a capacidade do enfermeiro de conduzir corretamente a criança com suspeita de TEA.

Segundo Oliveira, Moraes e Cabral (2023) (A8), é importante a implementação de protocolos e fluxogramas para auxiliar os profissionais durante as consultas de puericultura. Entretanto, na pesquisa de Flor (2023) (A5) é evidenciado, por meio dos relatos dos entrevistados, a necessidade de criar um protocolo específico que oriente o/a enfermeiro/a na identificação de sinais do TEA. Esse achado é corroborado pela

pesquisa de Almeida *et al.* (2024) (A6), no qual 88,1% dos enfermeiros alegaram já ter atendido crianças com suspeita de TEA, mas 97,6% apontaram que os serviços não dispõem de protocolos para rastreamento ou triagem.

Outra estratégia frequentemente mencionada pelos autores é a inclusão do tema do Transtorno do Espectro Autista durante a formação acadêmica, visto que o aprendizado básico tem início nessa etapa. Nesse sentido, Sena (2021) (A3) enfatiza a necessidade de readequação dos currículos acadêmicos para atender às novas demandas da área da saúde, considerando que é responsabilidade do enfermeiro conhecer os sinais e sintomas apresentados por crianças com suspeita de TEA. De forma complementar, Almeida *et al.* (2024) (A6) destaca que, diante da prevalência e complexidade do TEA, a abordagem desse tema durante a graduação é essencial para que os enfermeiros desenvolvam maior proficiência, possibilitando uma assistência qualificada e eficaz.

Com isso, também é discutido a necessidade de novas pesquisas a serem realizadas acerca da enfermagem e o autismo, pois a escassez a respeito da temática caracteriza-se como uma das barreiras para a proliferação do conhecimento dos profissionais no rastreamento do autismo na puericultura (Souza, 2024) (A13). Estudos posteriores são extremamente relevantes e precisam ser ampliados para apresentar outras evidências científicas e responder lacunas a fim de discutir, ampliar os conhecimentos e analisar o cenário da enfermagem atualmente em suas atribuições, em especial na consulta de puericultura e no uso de instrumentos de triagens para o TEA (Corrêa *et al.* 2022) (A14).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos revelaram que existem diversos desafios nos quais o enfermeiro enfrenta no que diz respeito ao rastreamento precoce do Transtorno do Espectro Autista durante as consultas de puericultura, sendo desde a matriz curricular ao trabalho prático dentro do consultório de enfermagem. Os objetivos desta pesquisa foram plenamente alcançados, reunindo os principais desafios enfrentados pelo enfermeiro, bem como a síntese das estratégias para superar esses entraves.

As barreiras encontradas foram o déficit do conhecimento acerca do autismo, falta de abordagem da temática na formação acadêmica, o que gera o sentimento de insegurança, escassez de protocolos e fluxogramas e a falta de capacitação. E para supera-las, foram sintetizadas estratégias como a realização de capacitações profissionais, educação permanente, implementação de protocolos e fluxogramas, inserção do tema na formação acadêmica, o incentivo à utilização de instrumentos para triagem, e novas pesquisas sobre a relação entre a enfermagem na triagem do TEA.

Contudo, um desafio significativo durante a construção, foi a limitada disponibilidade de artigos científicos que abordassem o tema central, pois grande parte dos estudos encontrados consistia em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Portanto, há uma necessidade da realização de novas pesquisas científicas sobre o assunto, a fim de promover a expansão e a atualização das informações. Isso é essencial para fortalecer a base de conhecimento da enfermagem, uma vez que se trata de uma ciência em constante evolução.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Gisiani. **Conhecimento da Enfermagem Perante o Transtorno do Espectro Autista**. 2021. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Conhecimento+Da+Enfermagem+Perante+O+Transtorno+D+o+Espectro+Autista&btnG=. Acesso em: 25 de jul. 2024.
- ALMEIDA, Ana Tereza Santos Dias de *et al.* Desafios na utilização da caderneta de saúde para o diagnóstico de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S.L.], v. 10, n. 10, p. 1-12, 7 ago. 2021. Research, Society and Development. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18663>. Acesso em: 07 out. 2024.
- ALMEIDA, Daniela dos Santos Manguiera de *et al.* Conhecimento e prática de enfermeiros da atenção primária sobre o transtorno do espectro autista. **Rev Enferm UFPI**, p. e3953|e3953|, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3953/4330>. Acesso em: 26 jul. 2024.
- ALMEIDA, Maíra Lopes; NEVES, Anamaria Silva. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia?. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 40, p. e180896, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v50n2/v50n2a04.pdf>. Acesso em: 19 de out. 2024.
- BAIO, Jon *et al.* Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2014. **Mmwr. Surveillance Summaries**, [S.L.], v. 67, n. 6, p. 1-23, 27 abr. 2018. Centers for Disease Control MMWR Office. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6706a1>. Acesso em: 06 out. 2024.
- BARON-COHEN, Simon *et al.* Prevalence of autism-spectrum conditions: uk school-based population study. **British Journal Of Psychiatry**, [S.L.], v. 194, n. 6, p. 500-509, jun. 2009. Royal College of Psychiatrists. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1192/bjp.bp.108.059345>. Acesso em: 06 out. 2024.
- BRACKS, Mayana; CALAZANS, Roberto. La cuestión diagnóstica y su implicación en la epidemia autística. **Tempo psicanalítico**, v. 50, n. 2, p. 51-76, 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v50n2/v50n2a04.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderneta da Criança: menina**. 5. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-da-crianca/caderneta-da-crianca>. Acesso em: 24 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)** – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf. Acesso em: 06 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista: Unidade de Atenção Primária - Vigilância em Saúde**. 2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/unidade-de-atencao-primaria/vigilancia-em-saude/#:~:text=Os%20principais%20sintomas%20do%20TEA,e%20comportamentos%20restritos%20e%20repetitivos>. Acesso em: 20 nov. 2024

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista** e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm#:~:text=Insti%20tui%20a%20Pol%C3%ADtica%20Naciona%20de,11%20de%20dezembro%20de%2%2001990. Acesso em: 24 out 2024.

BRASIL. **Transtorno do Espectro Autista (TEA): saiba o que é e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. Ministério da Saúde, 18 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 23 out. 2024.

BUDNIAK, Andressa de Lima. **Percepção Dos Enfermeiros Da Atenção Básica Frente Ao Atendimento E Diagnóstico De Crianças Portadoras De Transtorno Do Espectro Autista**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Centro Universitário Uniguairacá, Guarapuava, Pará, 2020. Disponível em: <http://repositorioguairaca.com.br/jspui/handle/23102004/164>. Acesso em: 28 ago. 2024.

CAPARROZ, J., SOLDERA, P. E. S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **OpenMinds International Journal**, 2022. Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://openminds.emnuvens.com.br/openminds/article/view/142/117>. Acesso em: 23 out. 2024.

CARVALHO, Marina Maya et al. Aplicação da escala M-Chat pelos profissionais das UBSF's: contraste entre teoria e prática. **Revista Master-Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 15, 2023. Disponível em: <https://revistamaster.emnuvens.com.br/RM/article/view/368/193>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO PARANÁ. **Parecer Técnico COREN/PR nº 75/2023: realização de puericultura pelo técnico de enfermagem**. Curitiba, 2023. Disponível em: <https://ouvidoria.cofen.gov.br/coren-pr/transparencia/94734/download/PDF>. Acesso em: 18 out. 2024.

CORRÊA, Isabela Soter et al. Triagem para transtorno do espectro autista pela enfermeira na atenção primária: revisão integrativa. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 293-303, 2022. Disponível em:

<https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/578/595>. Acesso em: 10 de ago. 2024.

COUTINHO, João Victor Soares Coriolano; BOSSO, Rosa Maria do Vale. Autismo e genética: uma revisão de literatura. **Revista Científica do Itpac**, Araguaína, v. 8, n. 1, p. 1-14, jan. 2015. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/autismo-e-gen%C3%A9tica-uma-revis%C3%A3o-de-literatura>. Acesso em: 04 out. 2024.

FELIPE, Maria Alyne Soares. **Estratégias E Desafios Do Enfermeiro Na Detecção Precoce De Alterações Do Neurodesenvolvimento Durante A Puericultura: Uma Revisão Integrativa Da Literatura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Centro Leão Sampaio – UNILEÃO, Juazeiro do Norte, 2024. Disponível: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/ENFERMAGEM-2024/E1983.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.

FLEISCHER, Soraya. Autismo: um mundo obscuro e conturbado. **Mana**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 231-235, abr. 2012. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132012000100011>. Acesso em: 05 out. 2024.

FLOR, Loorana Beatriz da Silva. **Conhecimento Do Enfermeiro Da Estratégia De Saúde Da Família Acerca Do Diagnóstico Precoce Do Autismo**. Monografia (Bacharel em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Santa Cruz, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/51862>. Acesso em: 26 jul. 2024.

FONTANA, Larissa Bulsing; DE SOUZA PEREIRA, Daniela; RODRIGUES, Tatiane Pinto. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 6336-6340, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11638/9702>. Acesso em: 25 set. 2024.

GALVÃO, T. F., & Pereira, M. G. (2014). Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 23, 183-184. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/yPKRNymgtzwwR8cpDmRWQr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 set. 2024.

GESCHWIND, Daniel H.. Autism: many genes, common pathways?. **Cell**, [S.L.], v. 135, n. 3, p. 391-395, out. 2008. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cell.2008.10.016>. Acesso em: 04 out. 2024.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8317651/mod_folder/content/0/Gil%202008.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 27 set. 2024.

GOMES, Camila Graciella Santos et al. Efeitos de intervenção comportamental intensiva realizada por meio da capacitação de cuidadores de crianças com autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. e3523, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/VYGp5KQGdpsTHPj8LpHNdBm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.

MACEDO, Maria Eduarda de Pontes. **Prevalência de crianças com risco para o transtorno do espectro autista em creches, a partir da aplicação do M-CHAT R-F e os possíveis fatores associados** 2023. 47 fls. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Bacharelado em Enfermagem, Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – Paraíba – Brasil, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/30934/MARIA%20EDUARDA%20DE%20PONTES%20MACEDO%20-%20TCC%20BACHARELADO%20EM%20%20ENFERMAGEM%20CES%202023.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 out. 2024.

MARIANO, Doriane dos Santos. **O preenchimento da Caderneta de Saúde da Criança de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo**. 2022. 29 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Especialização em Transtornos do Espectro Autista, Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/53320>. Acesso em: 07 out. 2024.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

MINAYO, M. C. S. (2010). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FgpDFKSpjsybVGMj4QK6Ssv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 set. 2024.

MOTA, Mariane Victória da Silva *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, [S.L.], v. 46, n. 3, p. 314-326, 30 set. 2022. Secretaria da Saude do Estado da Bahia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22278/2318-2660.2022.v46.n3.a3746>. Acesso em: 04 out. 2024.

MUNERATI, Aline Gabriella Aparecida; CUSTÓDIO, Carlos Cesar (2023). **Assistência do enfermeiro na consulta de puericultura na Estratégia Saúde da Família**. Disponível em: <https://revistaft.com.br/assistencia-do-enfermeiro-na-consulta-de-puericultura-na-estrategia-saude-da-familia/>. Acesso em: 18 out. 2024.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira et al. **Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família**. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 32, p. e25425, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/354514768>. Acesso em: 24 out. 2024.

OLIVEIRA, Angelica Ribeiro Pinto de; MORAES, Juliana Rezende Montenegro Medeiros de; CABRAL, Ivone Evangelista. Detecção precoce dos sinais de alerta do

autismo nas consultas de puericultura pelos enfermeiros. **New Trends in Qualitative Research**, v. 18, p. e893-e893, 2023. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/893/922>. Acesso em: 07 ago. 2024.

OLIVEIRA, Carlos Walmyr de Mattos *et al.* Transtorno do Espectro Autista: uma revisão psiquiátrica sobre epidemiologia, etiopatogenia e intervenção. **Revista Contemporânea**, [S.L.], v. 4, n. 9, p. 1-27, 4 set. 2024. South Florida Publishing LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.56083/rcv4n9-016>. Acesso em: 04 out. 2024.
OLIVEIRA, Maria Vitória Melo de *et al.* Rastreamento precoce dos sinais de autismo infantil: um estudo na atenção primária à saúde. **Revista Arquivos Científicos (Immes)**, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 48-53, 16 dez. 2019. GN1 Genesis Network. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n2p48-53>. Acesso em: 07 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) (org.). **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Genebra: Artmed, 2024. 554 p. Disponível em: <http://clinicajorgejaber.com.br/novo/wp-content/uploads/2018/05/CID-10.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Organização Mundial da Saúde (OMS). **Transtorno do espectro autista**. 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 06 out. 2024.

PASSOS-SANTOS, João Paulo dos; HEROLD JÚNIOR, Carlos. História do autismo na Viena Nazista de Hans Asperger: da educação curativa à eutanásia infantil. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, SP, v. 24, p. e024001, 2024. DOI: 10.20396/rho.v24i00.8668131. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8668131>. Acesso em: 14 jul. 2024.

PAULA, Cristiane S. *et al.* Brief Report: prevalence of pervasive developmental disorder in brazil. **Journal Of Autism And Developmental Disorders**, [S.L.], v. 41, n. 12, p. 1738-1742, 21 fev. 2011. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-011-1200-6>. Acesso em: 03 out. 2024.

PEÑAS, Juan José García; CARRAL, Jana Domínguez; BEZANILLA, Elena Pereira. Alteraciones de la sinaptogénesis en el autismo. Implicaciones etiopatogénicas y terapéuticas. **Revista de Neurología**, [S.L.], v. 54, n. 01, p. 41, 2012. Viguera Editores SLU. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33588/rn.54s01.2011708>. Acesso em: 05 out. 2024.

PITZ, Isabela Soter Corrêa; GALLINA, Fernanda; SCHULTZ, Lidiane Ferreira. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de Aps**, [S.L.], v.24, n. 2, p. 282-295, 5 nov. 2021. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Acesso em: 07 out. 2024.

RAPOPORT, Judith; CHAVEZ, Alex; GREENSTEIN, Deanna; ADDINGTON, Anjene; GOGTAY, Nitin. Autism Spectrum Disorders and Childhood-Onset Schizophrenia: clinical and biological contributions to a relation revisited. **Journal Of The American Academy Of Child & Adolescent Psychiatry**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 10-18, jan. 2009. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/chi.0b013e31818b1c63>. Acesso em: 06 out. 2024.

REIS, Sabrina T.; LENZA, Nariman. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/55433/40812>. Acesso em: 05 set. 2024.

RUTTER, M. Diagnosis and definitions of childhood autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [S.I.], v. 8, n. 2, p. 139-161, 1978. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01537863>. Acesso em: 28 set. 2024.

SAMPAIO, Centro Universitário Doutor Leão; Felipe, Maria Alyne Soares. **Estratégias E Desafios Do Enfermeiro Na Detecção Precoce De Alterações Do Neurodesenvolvimento Durante A Puericultura**. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/ENFERMAGEM-2024/E1983.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2024.

SANTOS, Carina Rodrigues dos et al. As Consequências do Reconhecimento Tardio para o Portador da Síndrome do Autismo. **Revista Saberes da Faculdade de Pimenta Bueno–FAP**, 2014. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/10consequencia_do_reconhecimento.pdf. Acesso em: 22 out. 2024.

SANTOS, Larissa Yule Amado; AMORIM, Simone Silveira. AS ORIGENS DO AUTISMO NA VIENA NAZISTA: ENTRE A VIDA E O EXTERMÍNIO. **Apae Ciência**, v. 19, n. 1, p. 60-62, 2023. Disponível em: [file:///C:/Users/Luciana%20Silva/Downloads/6.+AS+ORIGENS+DO+AUTISMO+NA+VIENA+NAZISTA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Luciana%20Silva/Downloads/6.+AS+ORIGENS+DO+AUTISMO+NA+VIENA+NAZISTA%20(1).pdf). Acesso em: 14 jul. 2024.

SENA, Narjara Silva de. **Atuação Do Enfermeiro Na Detecção Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Estratégia Saúde Da Família**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Enfermagem Pediátrica e Neonatal) – Centro Universitário Famento – UNIFAMETRO, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Atua%C3%A7%C3%A3o+Do+Enfermeiro+Na+Detec%C3%A7%C3%A3o+Precoce+Do+Transtorno+Do+Espectro+Autista+Na+Estrat%C3%A9gia+Sa%C3%BAde+Da+Fam%C3%ADlia&btnG=. Acesso em: 25 de jul. 2024.

SHEFFER, Edith. **Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista**. Tradução: Alessandra Bonruquer. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Evelin Freire da; SANTOS, Ladja Raiany Crispin da Silva; RODRIGUES, Kleber Fernando. **A atuação do(a) enfermeiro(a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista no âmbito**

da Atenção Primária à Saúde. Pesqueira: Instituto Federal de Pernambuco, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/805>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SILVA, L.N.P. **A proteção jurídica e a judicialização do direito à saúde da pessoa com transtorno do espectro autista.** Trabalho de Conclusão de Curso. Direito. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. p.1-27, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1956/1/Lais%20Nayara%20Pereira%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 24 out. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Manual de Orientação: transtorno do espectro do autismo. 05. ed. Rio de Janeiro: **Sociedade Brasileira de Pediatria**, 2019. 24 p. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf. Acesso em: 05 out. 2024.

SOELTL, Sarah Baffile; FERNANDES, Isabel Cristine; CAMILLO, S. de O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sci**, v. 46, p. e021206, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/04/1152233/abcs46e021206pt.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SOTER CORRÊA, Isabela et al. Triagem Para Transtorno Do Espectro Autista Pela Enfermeira Na Atenção Primária: Revisão Integrativa. **RECIEN: Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, 2022. Disponível em: <https://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/578/595>. Acesso em: 15 out. 2024.

SOUZA, Ana Élide Nogueira. **Puericultura E Diagnóstico Precoce Do Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Avaliação Da Implantação De Instrumento De Triagem.** 2024. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) – Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/78210/3/2024_dis_aensouza.pdf. Acesso em: 17 ago. 2024.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 nov 2024.

SOUZA, Tiago Meneses de *et al.* Utilização do M-CHAT para detecção precoce do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). **Anais da Comed**, Patos de Minas, Mg, v. 6, n. 1, p. 71-75, 28 out. 2022. Disponível em: <https://anais.unipam.edu.br/index.php/comed/article/view/1993>. Acesso em: 05 out. 2024.

STEFFEN, Bruna Freitas et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **Revista saúde multidisciplinar**, v. 6, n. 2, 2019. Disponível em:

<http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/91/89>. Acesso em: 22 out. 2024.

SUN, Xiang; ALLISON, Carrie. A review of the prevalence of autism spectrum disorder in Asia. **Research In Autism Spectrum Disorders**, [S.L.], v. 4, n. 2, p. 156-167, abr. 2010. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.rasd.2009.10.003>. Acesso em: 03 out. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Tipos de revisão de literatura**. Botucatu, 2015. Disponível em: <https://ouvidoria.cofen.gov.br/coren-pr/transparencia/94734/download/PDF>. Acesso em: 18 out. 2024.

WEILL, Victoria A.; ZAVODNY, Stefanie; SOUDERS, Margaret C.. Autism spectrum disorder in primary care. **The Nurse Practitioner**, [S.L.], v. 43, n. 2, p. 21-28, 16 fev. 2018. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health).. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/01.npr.0000529670.62188.1a>. Acesso em: 06 out. 2024.

WILLIAMS, J G *et al.* Systematic review of prevalence studies of autism spectrum disorders. **Archives Of Disease In Childhood**, [S.L.], v. 91, n. 1, p. 8-15, 10 maio 2005. BMJ. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1136/adc.2004.062083>. Acesso em: 06 out. 2024.

ZECH, Milena Stringari. **Crianças Com Suspeita De Transtorno Do Espectro Autista Na Atenção Primária À Saúde: Conhecendo As Ações Do(A) Enfermeiro(A)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/256650/TCC%20Milena%20Stringari%20Zech.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 ago. 2024.